

DISCIPLINA: UMA LEITURA EM VIGIAR E PUNIR

Elane Bueno Fernandes Lobo de Mello¹

RESUMO

A partir da leitura da obra *Vigiar e Punir*, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise histórica do conceito de “disciplina”, na perspectiva do filósofo Francês Michel Foucault. Para tal, analisa os dispositivos específicos do poder disciplinar: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame. Mostra, teoricamente, os deslocamentos e as técnicas do poder disciplinar no século XVII e XVIII, as reflexões e considerações. Apresenta o Panóptico no qual a relação de poder é de sujeição constante do indivíduo e demonstra que o panoptismo constitui-se um poder produtor de um saber que regula a vida dos indivíduos. A partir de tais considerações, resta-nos saber, após uma análise histórica, como o pensamento de Foucault pode nos ajudar a compreender os mecanismos do poder disciplinar na escola.

Palavras-chave: Poder disciplinar. Escola. Panoptismo.

ABSTRACT

From reading *Vigiar e Punir*, this paper aims to present a historical analysis of the concept of “discipline”, from the perspective of the French philosopher Michel Foucault. To this end, it analyzes the specific devices of disciplinary power: hierarchical surveillance, normalizing sanction and examination. Theoretically, it shows the displacements and techniques of disciplinary power in the 17th and 18th centuries, reflections and considerations. It presents the Panopticon in which the relation of power is of constant subjection of the individual and demonstrates that panoptism constitutes a power that produces knowledge that regulates the lives of individuals. From such considerations, it remains to be seen, after a historical analysis, how Foucault's thinking can help us understand the mechanisms of disciplinary power in school.

Keywords: Disciplinary power. School. Panoptism.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que Foucault jamais se ocupou com a educação em suas obras. Entre inúmeras instituições modernas importantes, as que Foucault se referiu em seus

¹ Mestranda da PPGE da Faculdade de Inhumas (2009), Professora de Educação Básica, servidora pública da Secretaria de Educação do Estado de Goiás. E-mail: elane@aluno.facmais.edu.br.

textos, a escola foi mais uma delas. (BATISTA, BACCON, GABRIEL, 2015). Em seus estudos e análises, Foucault percebeu que professores, médicos, oficiais do exército, sempre mencionavam a palavra disciplina, de modo que ele pôde concluir que esse termo dizia respeito a um conjunto de técnicas para o adestramento do corpo. Portanto, ele observou que a noção de disciplina caracterizava o meio para fabricar, formar, corrigir e reformar corpos. (FOUCAULT, 1999, p.118).

A escola, dessa forma, pode ser pensada como uma máquina de controle e organização dos corpos, implicada, tanto na fabricação do sujeito disciplinar quanto da própria modernidade. O que se pretende aqui é apreender o pensamento de Foucault para uma análise reflexiva sobre o poder disciplinar na escola, sem, contudo, desfigurá-lo.

Sendo assim, o objetivo deste estudo é fazer uma leitura sistêmica da obra, com uma atenção maior em dois momentos: a vigilância hierárquica e a sanção normalizadora. Dois procedimentos acordados que, vigiam e normalizam, dão luz ao exame. Para Foucault (1999), do mesmo modo, como nos hospitais, em que se coloca o doente em situação de exame quase perpétuo, a escola torna-se uma espécie de aparelho de exame ininterrupto, que acompanha, em todo seu cumprimento, a operação do ensino. Michel Foucault (1999, p. 154).

Nessa perspectiva, em *Vigiar e Punir*, Foucault trata do tema da “Sociedade Disciplinar”, implantada a partir dos séculos XVII e XVIII, consistindo em um sistema de controle social através de várias técnicas. Sendo assim, o regime de poder disciplinar produz saberes que, estrategicamente, vão servir de mecanismo para moldar o comportamento dos indivíduos. Nesse sentido, alude Foucault:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo, faz dele por um lado uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeitos estrita.(FOUCAULT,1999, p. 119)

Uma das funções principais do poder disciplinar, segundo Michel Foucault, não é só cumprir o que foi determinado, mas cumprir como se quer, ou seja, em vez de

retrair as forças com objetivo de as invalidar, as organiza com o objetivo de utilizar cada corpo com utilidade (FOUCAULT,1999, p. 119).

Verifica-se que tais funções do poder disciplinar estariam, cada vez mais, a ocupar espaço em nossas sociedades, sejam nas escolas, hospitais, organizações militares, hospícios, asilos e família. Segundo o autor, o poder só existe quando exercido, não é uma mercadoria, é múltiplo, automático e anônimo, é articulado em uma rede de relações. O poder disciplinar está em toda a parte e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar. Ao mesmo tempo, o poder é absolutamente discreto, pois funciona permanentemente, em grande parte, em silêncio. (FOUCAULT, 2013).

Nesse ponto, é possível perceber quão complexas são as práticas, epistemológicas, éticas e políticas nessa questão, e como Foucault provoca uma reflexão nessa desconstrução acerca do que pode nos trazer para educação. Partindo do pressuposto de que o autor não está para nos ditar verdades sobre as coisas, mas ampliar nossa compreensão sobre quais os caminhos e o que o levou a algumas verdades.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1- A docilização do corpo no espaço e no tempo

Para Foucault (1999), a escola é uma das "instituições de sequestro", como o hospital, o quartel e a prisão. Segundo Alfredo Veiga-Neto (2017), são aquelas instituições que retiram os indivíduos do espaço familiar ou social, compulsoriamente, e os confinam até que eles estejam moldados em suas condutas, com comportamentos disciplinados, pensando conforme foram formatados.

Foucault (1999), em "Os Corpos Dóceis", nos indica que o movimento geral é continuar a desenvolver e aprofundar um pouco as transformações de deslocamentos que a nova tecnologia de poder das disciplinas introduz na virada do século XVII e XVIII. O autor começa com a comparação entre os soldados, início do século XVII, e, logo depois, já na metade do século XVIII, com uma diferença brutal, em termos de organização e gestão do tempo e espaço dos mínimos movimentos. Nessa perspectiva Foucault ressalta (1999):

Houve durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo - ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. O grande livro do homem-máquina foi escrito simultaneamente em dois registros no anátomo-metafísico, cujas primeiras páginas haviam sido escritas por Descartes e que os médicos, os filósofos continuaram; o outro técnico-político, constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo.(FOUCAULT,1999, p. 117-118)

Esta citação descreve o capítulo como um todo, pois se trata ora de submissão e utilização, ora funcionamento de explicação: corpo útil, corpo inteligível. Ou seja, o corpo dócil: submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado. Na passagem do século XVII para século XVIII, há pelo menos três novidades que Foucault aborda, que são essenciais e tornam as disciplinas qualitativamente diferentes da tecnologia de poder que a procedeu. Primeira novidade, ele caracteriza como a escala de poder, não se trata de cuidar do corpo em massa, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente, um controle do corpo em atividade, dominando os gestos, atitude, exercendo um controle, como de uma máquina. A segunda novidade é o objeto do controle, não mais os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna, a coação se faz mais sobre as forças, o que realmente importa é a do exercício. A terceira novidade é a modalidade que implica uma coerção ininterrupta, que esquadrinha, ao máximo, o tempo, o espaço, os movimentos. Essas técnicas, segundo o autor, impõem uma relação de docilidade-utilidade, uma forma geral de dominação, ou seja, as disciplinas. Foucault (1999) tem todo um cuidado para falar sobre as Disciplinas:

A "invenção", dessa nova anatomia política não deve ser entendida como uma descoberta súbita. Mas como uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apoiam-se um sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergências e se esboçam aos poucos a fachada de um método geral. . (FOUCAULT,1999, p. 119).

As disciplinas entram para organizar o espaço da multidão confusa. Todas as técnicas do tempo, espaço, corpo, servem também, tem um propósito político de organizar essas multidões. (corpo do suplicado em praça pública).

A Arte das Distribuições, esse tópico, diz respeito à disciplina na organização do espaço. Foucault (1999, p. 122-123) mostrará que o primeiro momento da disciplina é distribuir os corpos dos indivíduos no espaço. Ele cita como exemplo, para se trabalhar de maneira mais flexível e mais fina, a cerca, ou clausura. Essa técnica tende a dividir em tantas parcelas quanto corpos, tática de antideserção, antivadiagem e de antiaglomeração. Ele vai mostrando como cada princípio desse não é suficiente, e chega a classificar a forma de organização de “tosca”.

Portanto, entende-se que a exigência que os objetos políticos, no momento, necessitam, a cerca, a clausura, não sustenta essa organização minuciosa. O quadriculamento (funda-se na distribuição de indivíduos em um determinado espaço, para que possa isolá-los e localizá-los), também não dá conta da organização completa e esmiuçada dos corpos no espaço. Até que chegam às regras das localizações funcionais, essas sim seriam a organização máxima dos corpos no espaço. Segundo Foucault (1999, p.123), "lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil".

Dessa forma, nesse processo, não basta apenas vigiar e controlar politicamente, tem-se o segundo passo econômico, é preciso dar uma utilidade para o espaço ao mesmo tempo. O espaço tem que ser multifuncional para isso. Foucault (1999) cita um exemplo na França, que foi, segundo ele, a proveniência dessa tecnologia arquitetônica do espaço como de vigilância e atividade econômica. Os exemplos, em várias instâncias da sociedade, são explicitados:

Nas fábricas que aparecem no fim do século XVIII, o princípio do quadriculamento individualizante se complica. Importa distribuir os indivíduos num espaço onde se possa isolá-los e localizá-los; mas também articular essa distribuição sobre um aparelho de produção que tem suas exigências próprias. É preciso ligar a distribuição dos corpos, a arrumação espacial do aparelho de produção e as diversas formas de atividades na distribuição dos "postos.". (FOUCAULT,1999, p.124)

À medida que o século XVIII vai se passando, tudo vai se complicando cada vez mais. Posição na fila também vai se complexificando. No século XVIII, a ordenação por fileiras começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: fila de alunos na sala, nos corredores, nos pátios..."A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de "quadros vivos", que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas" (FOUCAULT, 1999, p.126-127). O quadro do século XVIII é, ao mesmo tempo, uma técnica de poder e um processo de saber. A multiplicidade, por si mesma, tem por função, ao contrário, tirar dela o maior número possível de efeitos e distribuí-la.

Na sequência, Foucault começará a discutir o tempo. As primeiras instituições de organizações do tempo foram os mosteiros (de origem religiosa). Descrição da organização minuciosa se ramifica para sociedade inteira. A escala de tempo começa a ser decomposta minuciosamente: entrada do monitor na sala, cinco minutos para fazer chamada, mais três minutos para assinar a lista de chamada etc. Ao mesmo tempo que há o aspecto quantitativo do tempo, a técnica, exige prestar atenção também no aspecto qualitativo do tempo. Tempo útil. Cada ato vai ter um tempo para ser prescrito, para ser realizado, seja no exército, seja no mosteiro, cada coisa realizada vai ser quantificada. (FOUCAULT, 1999, p.131).

No exército há o corpo máquina, que Foucault coloca além da organização desse tempo esmiuçado, o corpo com o objeto que ele está manuseando. Quanto à utilização exaustiva, ele diz:

Já a disciplina organiza uma economia positiva; coloca o princípio de uma utilização teoricamente sempre crescente do tempo: mais exaustão que emprego; importa extrair do tempo sempre mais instantes disponíveis e de cada instante sempre mais forças úteis. O que significa que se deve procurar intensificar o uso do mínimo instante, como se o tempo, em seu próprio fracionamento, fosse inesgotável; ou como se, pelo menos, por uma organização interna cada vez mais detalhada, se pudesse tender para um ponto ideal em que o máximo de rapidez encontre o máximo de eficiência. (FOUCAULT, 1999, p.131)

Assim, a escola, por outros meios, também foi estruturada como um aparelho para intensificar a utilização do tempo, impostos por sinais, apitos, comandos, impunham a todas as normas temporais que deviam, ao mesmo tempo, acelerar o

processo de aprendizagem e ensinar a rapidez como uma virtude. A discussão do tempo continua cada vez mais esmiuçado dentro das escolas, como Escola de Gobelins, Escola de Paris, a ideia das séries das atividades sucessivas, ou seja, o poder nos mínimos detalhes. Como organizações das Gêneses. (FOUCAULT, 1999, p.133-134).

Seguindo o pensamento sobre o tempo evolutivo, cada vez mais homogêneo e especializado (FOUCAULT, 1999, p.136), "os procedimentos disciplinares revelam um tempo linear cujos momentos se integram uns aos outros, e que se orienta para um ponto terminal e estável. em suma, um tempo evolutivo".

No contexto a seguir, a composição das forças, Foucault, volta, então, pelo que tinha iniciado, que era o exército, aquela diferença entre o soldado do século XVII e do século XVIII. Foi necessário se libertar desse modelo físico da massa, a massa meio desorganizada, caótica, ia para a batalha sem comando, sem gerência, completamente diferente dos soldados do século XVIII, que têm uma organização completa de batalha. Ele aborda a passagem:

O corpo singular torna-se um elemento, que se pode colocar, mover, articular com outros. Sua coragem ou força não são mais as variáveis principais que o definem; mas o lugar que ele ocupa, o intervalo que cobre, a regularidade, a boa ordem segundo as quais opera seus deslocamentos. O homem de tropa é antes de tudo um fragmento de espaço móvel, antes de ser uma coragem ou uma honra. (FOUCAULT, 1999, p.138-139).

Assim, as disciplinas exigiam normas e comandos que tinham que ser obedecidos sem precisar dar a ordem como todo, o mínimo sinal deveria ser suficiente para se colocar toda uma série de procedimento em marcha, e produzir toda uma série de operações. Ideia de tática que Foucault introduziu como arquitetura, anatomia, economia do corpo disciplinar.

2.2-Os recursos para um bom adestramento

Na obra Vigiar e Punir, o tema os recursos para um bom adestramento, condensa uma série de informações e teses absolutamente centrais e que permanecem atuais. É interessante pensar esta temática da disciplina de uma forma um pouco integrada, pensados dialogicamente. "Corpos Dóceis", que acabamos de apresentar, é uma premissa para os recursos do " bom adestramento". De que

adianta bem adestrar se não vai tornar os corpos dóceis? Então é disso que o autor trata, pensar a disciplina como algo positivo, com mecanismo expansivo e excludente, uma forma de esmiuçar os pontos de positividade, de expansividade, de inclusão, que a disciplina vai ter a partir de um certo ponto. Como que essas diversas contribuições vão sendo amarradas uma a uma, coordenadamente.

Iniciaremos a discussão com as provocações do próprio Foucault: O que é um bom adestramento? Adestramento adestra quem? Antes de analisar a obra, ousaria dizer que não se adestra ninguém, se adestra bicho, animal.

Porém, é essa provocação que o autor faz, por estarmos sendo colocados no lugar de bichos domesticados, de animais domésticos, ou seja, ele está dizendo que vivemos em uma sociedade que, hoje, produz seres humanos, como educa seus animais domésticos, ou adestra os seus seres humanos como animais. É a analogia que Foucault faz em sua obra, e que vamos discutir neste momento.

A disciplina "fabrica" indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumento de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada mais permanente. (FOUCAULT, 1999, p.143)

É disso que o artigo está se tratando aqui, algo que todos nós exercemos uns com os outros, a todo lugar e em todo momento. Um poder modesto, cotidiano, generalizado. Ou seja, seres humanos disciplinados, que fabricam novos seres humanos disciplinados. E o sucesso desse poder, segundo Foucault (1999), se deve, sem dúvida, ao uso de instrumentos simples, ao olhar hierárquico, à sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame.

Segundo as análises da obra, o olhar hierárquico entende-se quando uma pessoa faz alguma coisa errada, e só com uma olhada é o suficiente para perceber que errou, não precisa verbalizar nada. A sanção normalizadora é como exercício cotidiano, não como algo profilático. E, por fim, o exame sintetiza uma série de outras coisas, combina as técnicas da hierarquia, que vigiam, e as da sanção, que normalizam. Como se vê, as técnicas do poder disciplinar não se limitam ao espaço de uma única instituição. Na sequência, as temáticas serão apresentadas, bem como suas aplicações.

2.3-A vigilância hierárquica

Esta temática aborda a ideia de vigilância múltiplas, de criar postos de observações, observatórios, com modelo ideal para vigilância, Foucault usa a figura do acompanhamento militar como modelo quase ideal e que tem um laço histórico. Faz-se uma série de elaborações acerca de questões ligadas à urbanidade, à própria arquitetura. Como esses dois elementos, acabam sendo sintetizadas, de forma muito múltipla, a ideia de vigilâncias hierarquizadas. Aqui, há um deslocamento muito grande, fala-se da cidade, de prédios, hospitais, de cidades operárias, de asilos, a prisão é mais um elemento dentro desse cenário (FOUCAULT, 1999, p.144).

Nessa construção do argumento, o autor mostra que a engenharia civil, a arquitetura, se prestam como instrumento útil à vigilância. Funciona, na prática, por uma tria muito interessante, nomeada por ele de observação, registro e treinamento, com todas as instituições operando nessa tria. O ideal, nesse projeto, segundo o autor, é ter um posto de observância permanente (ver tudo permanentemente). Essa seria a utopia política expressa no que o autor chama de arquitetura circular, posto de observação privilegiado. Nessa utopia política, integram-se os dispositivos da cidadania com função de aumentar toda as opções possíveis de quem é observado.

Dessa forma, entende-se que a vigilância não se dá gratuitamente. Ela tem o porquê, ela serve como um meio, as pessoas não são vigiadas porque se gosta de vigiar pessoas, a vigilância está integrada dentro de uma lógica, dentro de uma "engenharia" produtiva. Alinhada a uma técnica produtiva. Ou seja, faz parte de uma economia, de um modo de produção social da vida humana. Segundo Foucault, "é uma engrenagem específica do poder disciplinar, uma mecânica hierarquizada contínua e funcional". (FOUCAULT, 1999, p.147-148).

Assim, a vigilância é um operador econômico, ela traz lucro, rendimento, eficiência e produção.

2.4-Sanção Normalizadora

Foucault (1999) discorre sobre uma espécie de punição muito sutil, que ele nomeia como micro penalidade, são as pequenas punições, reprovações, aquele gesto sutil, que, muitas vezes, passa até despercebido como: atrasos, ausências,

interrupções de tarefas, desatenção, negligência, tagarelice, sujeiras, indecência etc. Na verdade, o que se visa no texto, quanto à aplicação dessa sanção, não é, de fato, uma recuperação, não funciona como remédio para doença, ela funciona muito mais como exercício de poder como mecânica. Ela vai funcionar em dupla com a gratificação, sanção, de um lado, e gratificação do outro. Treinamento e correção. Ao mesmo tempo que castiga e recompensa, classifica os indivíduos. É esse sistema de duplos que se torna operante no processo de treinamento e de correção. Nesse processo o professor:

deve evitar, tanto quando possível usar castigos; ao contrário, deve procurar tornar as recompensas mais frequentes que as penas, sendo os preguiçosos mais incitados pelo desejo de ser recompensados como os diligentes que pelo os receios dos castigos; por isso será muito proveitoso, quanto o mestre for obrigado a usar de castigo, que ele ganhe, se puder, o coração da criança, antes de aplicar-lhe o castigo. (FOUCAULT, 1999, p.150)

Dessa forma, a norma passa a ser um princípio de coerção, e, a partir dessa hierarquização, se estabelece quem é normal, está na norma, ou quem é anormal está fora da norma. As penalidades que se colocam em funcionamento permanente e controlam todos os instantes nas instituições disciplinares comparam, diferenciam, hierarquizam, homogeneízam e excluem. Em suma, normalizam. Tudo até que o corpo se renda, aceite, se encaixe.

Foucault trabalha como uma síntese dessa classificação e aplicação de sanções, e que, de alguma forma, legitima esse exercício, que é a questão do exame, que abordaremos a seguir.

2.5-O Exame

O exame, segundo Foucault (1999) de alguma maneira, hierarquiza, e também vigia, o exame aplica uma sanção que normaliza. É uma técnica central no regime disciplinar, já que funciona como normalizante, que permite organizar, separar, juntar, cortar e segmentar. Foucault (1999) apresenta uma certa síntese desse carte disciplinar e acaba se constituindo, de fato, como mecanismo de poder na forma de saber.

Segundo Hoskin (1993 *apud* MARIN-DIAZ, p. 50), o exame, é a técnica mais obviamente educacional, e, como afirma Foucault (1999, p.155) “a superposição das

relações de poder e de saber assumem no exame seu máximo esplendor”. Mais adiante Foucault (1999, p.156) assinala que, “assim como o procedimento do exame hospitalar tem permitido o desbloqueio epistemológico da medicina, a época da escola ‘examinadora’ tem marcado o começo de uma pedagogia que funciona como ciência.”

Dessa forma, verifica-se que o que possibilitou essa passagem da forma de ensinar e dizer para a forma de aprender e ver, segundo Foucault (1999) foi a reforma da pedagogia, no fim do século XVIII.

Segundo Foucault (1999, p.155-156), o exame é um momento que o ritual do poder é renovado, e a individualidade do sujeito é traduzida, escrita no papel. Na escola, o aluno precisa necessariamente passar para evoluir na organização serial que está incluído, é o ponto que distribui sanções àqueles que não alcançaram o resultado esperado. E o indivíduo se transforma em caso. É despersonalizado completamente pelo exame. Em outras palavras, o exame vincula o exercício do poder disciplinar à formação de um saber disciplinar. E o faz de várias maneiras, por exemplo: escritas de alunos como objetos: "medições", "lacunas" e "marcas". As escolas se tornaram uma espécie de aparelho de exame ininterrupto cada vez mais de uma comparação perpétua de cada um com todos, ao mesmo tempo medindo e sancionando os conhecimentos dos alunos, conforme explicitado por Foucault:

Os irmãos das escolas cristãs queriam que seus alunos fizessem provas de classificação todos os dias da semana: o primeiro dia para ortografia, o segundo para aritmética, o terceiro para o catecismo da manhã, e de tarde para caligrafia, etc. Além disso, devia haver uma prova todo mês, para designar os que merecessem ser submetidos ao exame do inspetor. (FOUCAULT, 1999, p.155)

Percebe-se que o exame não se limita em sancionar um aprendizado, sustenta-se no poder constantemente renovado, permite ao mesmo tempo que transmite seu saber, levantar um campo de conhecimentos sobre seus alunos.

Por fim, o exame foi uma grande renovação da era clássica, realiza o núcleo das funções disciplinares de repartição e classificação, é responsável pela fabricação da individualidade celular, orgânica e combinatória.

Nas escolas, no consultório do psiquiatra, na prisão, no trabalho, em várias outras instituições, o que se produz, pura e simplesmente, é a Disciplina, conforme séculos atrás. Contudo, uma disciplina que não é mais agressiva, imposta, mas sim natural panóptica.

2.6-Panoptismo

As ideias de Foucault (1987), ao se utilizar da noção do panóptico, concebida por Jeremy Bentham, versada pelo autor há mais de 40 anos, continuam atuais e nos provocam questionamentos, o quanto somos livres e o que podemos fazer com nossa liberdade. Segundo Guerrero(2017), elas nos ajudam também a compreender os paradoxos que vivemos atualmente, em nossas sociedades, as intensas medidas de vigilância e controle, aplicadas a toda a população , as quais, sob alegação de segurança global, submetemos a um poder subliminar, invisível, que implica em exclusão alarmante de nossas liberdades. Segundo Foucault (1987):

O olho que tudo vê não é uma exterioridade grandiloquente ou um sistema dominador, é uma manifestação infame que classifica, que coloca os elementos em termos equivalentes e distintos, que identifica pelo automatismo do bom senso, que manipula estatística, que categoriza por intermédio da eficiência, que dá visibilidade as trocas, às circulações e aos consumos de natureza simbólica de um capital social, que, enfim, eleva o panoptismo à ordem cotidiana da visibilidade superficial e banalizada. Fazemos isso a toda hora em todo lugar: " as disciplinas caracterizam, classificam, especializam; distribuem ao logo de uma escala, repartem em torno de uma norma, hierarquizam os indivíduos em relação uns aos outros, e, levando ao limite, desqualificam e invalidam". (FOUCAULT, 1987, p.195).

O panóptico de décadas atrás nos leva a crer que é o mesmo princípio sob o qual nos vemos, hoje, nas inúmeras câmeras, que estão por todos os lados, sem saber se estão funcionando, mas se sabe que tem uma câmera ali, invasiva, que está pronta para captar tudo a todo momento, no controle. Foucault (1999).

Quando se avoca a palavra controle, verifica-se, primeiramente, o projeto arquitetônico que o filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham criou, sendo, posteriormente, utilizado e aperfeiçoado por Michel Foucault, para controlar os doentes, insanos, viciados, leprosos, pestilentos, detentos e estudantes, outrora, no século XVIII, a fim de ser um instrumento de disciplina e controle em manicômios, hospitais, escolas, indústrias, presídios ou casas de correção.

Na educação moderna, atitudes de vigilância e adestramento do corpo e da mente foram enxergadas pelo filósofo francês, após uma análise histórica inovante. O

Autor mostrou que a escola moderna, antes de reproduzir, produziu e continua reproduzindo e preparando um tipo de indivíduo para servir ao sistema produtivo.

O Panoptismo se baseia em uma estrutura arquitetural em forma de anel, em que, no centro, localiza-se uma torre vazada de largas janelas, que se abrem sobre a face interna do anel, dividida em celas, induzindo, no detento, o estado consciente, e continua a permanente visibilidade que certifica o funcionamento do poder, independentemente de estarem sendo vigiados (FOUCAULT, 1999, p. 165-166).

A vigilância do panóptico, a disciplina e o exame: todos os dispositivos disciplinares funcionam, portanto, como um laboratório de poder, proporcionando um aumento de saber em todas as suas frentes.

Hoje, em vários aspectos, aplica-se esse panoptismo, não só mais no poder disciplinar. A maioria das residências, hoje, possuem câmeras operando numa contínua vigilância. Vigilância essa que acaba por trazer uma sensação de segurança aos indivíduos, de modo que, não importa se estejam realmente filmando, mas sim a sensação de vigilância constante que é passada.

Nas escolas, não é diferente, muitas das instituições também optam por câmeras e empreendimento, a fim de uma vigilância contínua, que, para gestão, é mais um recurso que visa manter o controle e organização dos comportamentos dos indivíduos no espaço escolar, porém, para alguns, é perda da liberdade e de parte da autonomia.

Dessa forma, no contexto atual, o modelo panóptico de Bentham, interpretado por Foucault, está disseminado em toda sociedade, não tão somente em instituições disciplinares.

É difícil achar, hoje, um espaço público que não seja vigiado, que não tenha uma câmera. O que Foucault discute há mais de 40 anos é absolutamente profético.

1 3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a obra *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault, foi possível visualizar a atualidade e importância da obra, bem como de suas críticas. Investir numa perspectiva foucaultiana nos instiga a repensar a educação, permitindo escapar dessas posturas de verdades absolutas, além de tornar o pensamento, mais uma vez, possível.

Os estudos que, por ora, realizamos, nos fez entender que o poder disciplinar é o poder que se ocupa do detalhe e do mísero. Nada deve passar despercebido; pelo contrário, tudo deve ser observado. É a constante vigilância que esquadrinha a vida do cidadão a cada passo dado. O panóptico, de acordo com Foucault (1999), seria a expressão máxima do poder disciplinar, concentrando, em si, todos os procedimentos disciplinares. Nas escolas, o poder disciplinar opera um assujeitamento do qual não se pode escapar.

O pensamento de Foucault (1999), com base nos dispositivos do poder disciplinar, nos fez compreender que, na atualidade, práticas, arranjos e artefatos pedagógicos instituíram e continuam a instituir o sujeito. Portanto, nos faz crer que a escola contemporânea permanece contemplando a homogeneização e padronização de suas práticas individualizantes e disciplinares em sua essência.

Ao iniciar este artigo, não tinha muita noção das possibilidades de análise que o estudo poderia oferecer. Agora, a sensação que tenho, ao apontar considerações acerca do poder disciplinar, é a de que muitos caminhos poderiam ter sido percorridos, e outras relações poderiam ter sido estabelecidas.

Contudo, se o poder disciplinar produz tipos obedientes e dóceis, e, no máximo, “produtivos”, por que, ainda, desde o século XVII, animam a dinâmica escolar? Confesso, não é tarefa fácil chegar a essa resposta, diante de textos densos e complexos, porém, me instiga a busca de muitas leituras, estudos e compreensão de outras obras do autor, que possam nos fazer repensar e propor nosso próprio pensamento sobre esse poder. Percebemos que, diferentemente de outros pensadores clássicos, as ideias de Foucault transformam, aprofundam e enriquecem ao longo do tempo e da obra. Num mesmo ritmo, nossos conhecimentos, ora são construídos, ora desconstruídos.

Contudo, o poder disciplinar, na perspectiva de Foucault, é fabricar indivíduos “dóceis”. Foucault nos provoca novamente, visto que sete milhões de estudantes, no Brasil, têm dois ou mais anos de atraso escolar (UNICEF, 2017), qual seria o pensamento de Foucault quanto ao conceito de “disciplinas”, na perspectiva de fabricar indivíduos no contexto de uma gestão escolar democrática? É possível afirmar que esse é um assunto que se espraia ao longo de toda a sua obra, sob as mais variadas formas. Talvez analisar outras “obras”, uma nova tecnologia de poder de

Foucault. Revisito a minha resposta anterior, na possibilidade de outros estudos, podemos traçar um novo modo de investigação e desenvolver novas práticas educativas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, F., Baccon, A. L. P., & Gabriel, F. A. (2015). Pensar a Escola a Partir de Foucault: Uma Instituição Disciplinar em Crise? **Revista Inter Ação**, 40(1), 1-16. <https://doi.org/10.5216/ia.v40i1.30659>

CARVALHO, A.F. Foucault e a crítica à institucionalização da educação: implicações para as artes de governo. **Pro-Posições** [online]. 2014, vol.25, n° 2, pp. 103-120. [viewed January 20th 2015]. ISSN 0103-7307. DOI: 10.1590/S0103-73072014000200006. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000200006&lng=pt&nrm=iso.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Tradução Raquel Ramallete. 20ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 288 p.

FOUCAULT, Michel. Disciplinas In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 41. ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARIN-DIAZ, D.L. and NOGUERA-RAMIREZ, C.E. O efeito educacional em Foucault. O governamento, uma questão pedagógica? **Pro-Posições** [online]. 2014, vol.25, n° 2, pp. 47-65. [viewed January 20th 2015]. ISSN 0103-7307. DOI: 10.1590/S0103-73072014000200003. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000200003&lng=pt&nrm=iso.

GALLO, S. Editorial: "O 'efeito Foucault' em Educação". **Pro-Posições** [online]. 2014, vol.25, n° 2, pp. 15-21. [viewed January 20th 2015]. ISSN 0103-7307. DOI: 10.1590/S0103-73072014000200001. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000200001&lng=en&nrm=iso

GUERRERO, Olaya Fernandez. Poder y panoptismo en el segundo Michel Foucault In: **Philosophos**, Goiânia, v.22. v.2, p.187-209, jul/dez, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/philosophos/article/view/49693/25176>. Acesso em: 01 mar. 2020.

TERNES, José. Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico. **IHUOnline**, ano X, ed. 325, 19 de abr. 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3141-jose-ternes>. Acesso em: 27 mar. 2017.

TERNES, José. Foucault, seus descaminhos In: PAIVA, Wilson Alves de (Orgs.). **Reflexões sobre o método**. Curitiba: CRV, 2017. p. 151-161

UNICEF, 2017. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/08/29/sete-milhoes-de-estudantes-no-brasil-tem-dois-ou-mais-anos-de-atraso-escolar-alerta-unicef.ghtml>.

VEIGA-NETO, A. and RECH, T.L. Esquecer Foucault? **Pro-Posições** [online]. 2014, vol.25, nº 2, pp. 67-82. [viewed January 20th 2015]. ISSN 0103-7307. DOI: 10.1590/S0103-73072014000200004. Available

from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000200004&lng=pt&nrm=iso.

VEIGA-NETO, Alfredo. Situando Foucault In: VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.p.17-38.

VEIGA-NETO, Alfredo. Os três Foucault? Ou a sempre difícil sistematização. In: VEIGA-NETO, **Alfredo. Foucault & a educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.p.35-42.

VINCENT, H. Foucault educador: uma arte da escrita e um modelo de autoformação. **Pro-Posições** [online]. 2014, vol.25, nº 2, pp. 25-46. [viewed January 20th 2015]. ISSN 0103-7307. DOI: 10.1590/S0103-73072014000200002. Available

from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000200002&lng=pt&nrm=iso.